

Entre a heterogênesse e o mercado: “Barbies Olímpicas”, Pitboys e Cyborgs

Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves

Doutora; Universidade Federal do Rio Grande do Sul
sanbrep@gmail.com

Resumo

O presente artigo reflete sobre questões pertinentes ao indivíduo contemporâneo que tem nas performances corporais uma das formas de produzir identidade. Parte-se da definição do corpo como o do mutante; mutações proporcionadas pela tecnociência. Diferentemente dos modernos, corpo e sujeito hoje estão sujeitos a inúmeras identificações ao longo da vida, proporcionadas majoritariamente pelos *media*. O Brasil sofre uma “mestiçagem”: o corpo, através de uma aliança com a tecnociência, no fluxo das modas disseminadas via *media*, se mistura aos aparatos tecnológicos, às próteses. A mulher anunciada pelos *media* não cabe na *morenidade*, ela é a *Barbie*. Surge como contrapartida a esse modelo de mulher, um modelo de homem, o *Pitboy*. Ambos, na busca do corpo perfeito tornam-se híbridos entre organismo e máquina, *cyborgs*. Diferentes autores comparecem na construção do quadro a ser exposto.

Palavras-chave

Corpo. *Media*. Tecnologia. *Cyborg*.

1 Introdução

Ao pensar o corpo e suas implicações com o virtual no que afeta a ação e a percepção sobre o mundo, bem como a virtualização de sua superfície, torna-se claro que a tecnociência aplicada ao corpo é um fator de transformação (atualização). A partir daí definimos o corpo contemporâneo como o do mutante: a tecnociência enseja múltiplas maneiras de (re)construção e (re)modelação do corpo, maneiras estas que passam pela dietética, pela moda (enquanto prótese corporal), pelo *bodybuilding*, pelo *body modification*

(que inclui desde escarificações, *piercings*, tatuagens, até cirurgias plásticas), passando pela intrusão de *chips* sob a pele, assim como processos outros que colocarão em questão, com intervenções sobre o corpo, do que seja o belo, o feminino e o masculino – devir em si mesmo um outro, de modo a colocar em questão o estatuto do corpo e do sexo na sociedade atual¹. Aos pensarmos o corpo, devemos levar em conta suas performances, seus limites e considerá-lo como elemento constitutivo do universo semiótico, onde as subjetividades são produzidas.

Para o desenvolvimento do artigo, fez-se necessário esclarecer os conceitos apresentados como, por exemplo, o de “Barbies Olímpicas”, Pitboys e cyborgs. Diferentes autores auxiliam nesta construção (COURTINE, 1995; LEMOS, 1993; HARAWAY, 1994; POPE, PHILLIPS; OLIVARDIA, 2000; THOMPSON, 1998; VILLAÇA, 1999). Hall (1997) foi o autor escolhido para refletir sobre a identidade moderna e contemporânea.

Diferentemente dos modernos, que a um corpo, a um indivíduo (herdeiro de seu corpo, tal qual era), acoplava-se uma identidade que o acompanharia por toda uma vida, uma vida em relação, em interação com a sociedade, mantendo, entretanto “o núcleo interior” (HALL, 1997, p. 11), no contemporâneo ocidental o sujeito tem sua identidade em constante mutação, ele é instado a ser múltiplo. Sua identidade é formada e transformada continuamente nas relações que estabelece com os sistemas culturais, que também sofrem transformações. Surge daí um sujeito pensado como não possuidor de uma identidade fixa e permanente. “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” (HALL, 1997, p. 13). O sujeito então assume diferentes identidades em diferentes momentos, identidades estas que não são unificadas em torno de um Eu coerente e “[...] à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar [...]” (HALL, 1997, p. 14). Nessas formações, os *media* possuem um papel fundamental, possibilitando a um grande contingente de pessoas o acesso, através de suas mensagens e imagens, a diferentes culturas, diferentes modos de ser que agirão reflexivamente sobre o sujeito (GIDDENS,

¹ É no campo da arte que as intervenções sobre o corpo apresentam-se de modo mais significativos. STELARC e ORLAN são dois exemplos paradigmáticos. Stelarc, artista australiano, tem como campo a *ciberbodyart*; para ele o corpo humano está ultrapassado. Disponível em: <http://www.stelarc.va.com.au/>. Acesso em: 10 jun. 2012. Orlan, artista francesa, utiliza o próprio corpo como forma de escultura e performance (*carnal art*). Agindo sobre a carne, executa performances cirúrgicas chamando para si as atenções da mídia. Disponível em: http://bocc.ubi.pt/_texto.php3?html2=Duarte-Eunice-Orlan.html. Acesso em: 28 out. 2012.

1991). Então, diferentemente dos modernos, que a uma identidade acoplava-se um corpo sempre igual a si mesmo, o “sujeito” contemporâneo irá produzir-se em diferentes corpos, projetados para diferentes ocasiões, ou projetados para ser a expressão de um desejo, de um corpo que se fará presente de acordo com a imagem esperada e desejada de si. Imagem que seguirá, na maioria das vezes, biótipos incompatíveis com a forma do “corpo brasileiro”.

Outra diferença aos modernos no que concerne ao corpo é o deslocamento sofrido por esse de polo negativo da dicotomia classificatória, como uma exterioridade a ser controlada, disciplinada, a uma positividade que vem embaralhar, colocar em questão (auxiliado, é claro, pelas novas tecnologias) os pares dicotômicos modernos, tais como natureza e cultura, real e irreal, privado e público. O corpo hoje se inventa (é bom para o mercado); nem mesmo a certeza de um código que nos defina é mais possível, visto ser este passível de manipulações. E ao se inventar, “[...] neste momento de crise, o corpo deixa de funcionar enquanto dado de identidade fixa e natural, lugar de delimitação e referência estável, para assumir paradoxalmente, a expressão da identificação pela mutação, simulação e pela performance.” (VILLAÇA, 1999, p. 24), adquirindo um papel na produção da subjetividade.

Na atualidade, a imersão em uma cultura tecnológica ajuda a embaçar as antigas oposições modernas e as fronteiras não são mais seguras; as ondas eletromagnéticas atravessam o planeta e os corpos. Ao imbricar-se com os artefatos tecnológicos, o indivíduo acaba por colocar o mundo e a si mesmo em xeque. Quando seus olhos e ouvidos puderam mover-se à distâncias, num tempo simultâneo do aqui e agora, por meio dos sistemas de comunicação (máquinas sensórias), outras oposições embaralharam-se: local e global, privado e público. Neste movimento as “identidades culturais” também sofreram deslocamento. A esse processo dá-se o nome de globalização, que como sabemos não é fenômeno recente, visto ser a modernidade inerentemente globalizante. Entretanto, a partir da segunda metade do século XX, o alcance e o ritmo da integração global cresceu, acelerando os fluxos e os laços entre as Nações. Há uma compressão espaço-tempo como nunca vista anteriormente, o mundo torna-se “menor”. Eventos longínquos têm efeitos imediatos sobre pessoas e lugares distantes. O nosso aqui se mistura com o agora do outro lado do planeta.

Aberto ao novo, à diferença, o indivíduo contemporâneo torna-se frágil frente à verdadeira avalanche que a atualidade lhe traz. Sem o aval das antigas certezas (Deus, Ser, Razão, Verdade, Totalidade, Estado, Família) ele se torna cambiante e sujeito ao lado perverso da tecnociência, quando esta se alia ao poder político e econômico; presa fácil de

artefatos e serviços que não lhe oferecem nenhum valor moral além de um desbragado delírio hedonista consumista. Ele acaba por consumir imagens e, em sua fragilidade, se identifica com os modelos que lhes são ofertados pelos *media*. Este indivíduo, que sonha com a juventude e a beleza eterna não tem, como vimos, a unidade nem a identidade do indivíduo moderno (refiro-me aqui ao indivíduo urbano, de modo especial aos da grande cidade); ele é sincrético, de natureza confusa e indeterminada, plural. Produz personalidades descartáveis, fruto da programação ofertada pelo sistema. “São simulacros espetaculares e sedutores de si mesmos.” (SANTOS, 1997, p. 105). Este indivíduo sente viver em um mundo que foge ao seu controle, um mundo de imensas burocracias, de sobrecargas de informações e dominado pela tecnologia. Desacreditado de si, aprende a avaliar-se face aos outros e se vê através dos olhos alheios. Percebe que a imagem que projeta conta mais que a experiência e as habilidades adquiridas. Em sociedades pós-industriais, baseadas no consumo, onde a superfície é a base, chega-se ao estágio da indiferenciação entre o eu e o seu invólucro. E é neste invólucro, o corpo (superfície da pele), lugar de liberdade, mas também de submissão, que a tecnociência aliada ao poder político e econômico, e através das tecnologias da informação – incluo aqui desde as tecnologias da comunicação até a manipulação genética, tecnologias estas que virtualizam o corpo – levará o indivíduo (que é seu corpo e, portanto a “crise” também o atinge, ele é a superfície onde os processos identitários se dão) frágil e fragmentado a buscar se adequar e se produzir em novos modelos ofertados pelos *media*, vetores de globalização – esta questão é central e nodal na atualidade, onde uma das maneiras da identidade se dar é via consumo.

Devemos marcar que, com a globalização da comunicação, os produtos dos *media* circulam em um amplo espaço internacional. O que se produz em um país atravessa as fronteiras do mercado doméstico. Entretanto sabemos que “O fluxo internacional dos produtos da mídia é um processo estruturado no qual certas organizações detêm o controle predominante, levando algumas regiões do mundo à extrema dependência de outras para o suprimento de bens simbólicos.” (THOMPSON, 1998, p. 146) e a uma reformulação de suas identidades, com novos modelos (hegemônicos) de identificação, que, como vimos há pouco, passam pelo corpo, por sua reconstrução.

2 “Barbies Olímpicas” e Pitboys

Chegamos ao ponto: o Brasil sofre hoje uma “mestiçagem” que não se dá, ironicamente, via relações inter-raciais que resultavam, segundo Gilberto Freire, em uma “morenidade”; não mais a mistura de índios, negros, brancos e amarelos. A aliança se faz com a tecnociência, e o corpo no fluxo das modas disseminadas via *media*, se mistura aos aparatos tecnológicos, às próteses. A mulher anunciada pelos *media* não cabe na “morenidade”, ela é a *Barbie*! Então o corpo é submetido e reconstruído tecnicamente para se adequar a esta matriz de beleza, potência e sedução – uma coevolução. Sociedades seguras de suas verdades (Ocidente) e de suas elites determinam o modelo ideal de homens e mulheres, que na hibridização, orquestrada via *media*, sofrerão metamorfoses, mutações até mesmo interessantes, não fossem no fundo muito perversas – a linha entre a heterogênesse e a tirania do mercado é muito tênue. A questão não é o híbrido em si, mas as forças que o produzem, dominadas pelo “espírito do Capitalismo”; ou seja, a conquista de mercado, a mudança permanente², o não se estar nunca bem sob a própria pele; o consumir, para não se consumir, mas para ser consumido – está tudo dentro desta equação, a insatisfação torna-se permanente.

Voltando à *Barbie* anunciada – o padrão de beleza³ feminina distribuído como matriz pelas redes da globalização –, ao chegar ao Brasil ela é “adaptada” (apesar de toda a tecnologia posta à disposição, há traços genéticos “ainda” impossíveis de serem corrigidos), ela se torna um ser mutante (porque sempre retocado) entre a anoréxica *Top Model* e a saudável popozuda⁴, e podemos nomeá-la como a *Barbie* Olímpica, magra e linda, de músculos arredondados esculpidos milimetricamente nas academias, eternamente bronzeada, possui volumosos seios de plástico, é lipoaspirada, ostenta reluzente cabeleira loira e lábios à moda Pato Donald (é um ser mitológico e falocrático). É um espécime perfeito, sem espaço para qualquer tipo de dano ou imperfeição. As “Barbies Olímpicas” querem ser desejadas, admiradas, além do que a mutação de seus corpos oferece à possibilidade de mobilidade social de celebridade quase que instantânea (inúmeros são os exemplos midiáticos). O carnaval é o palco delas, onde rivalizam com os travestis – a relação

² Ao longo dos anos, ícones do cinema, da televisão e das passarelas têm ditado os padrões de beleza e parte de seus corpos serviram e servem de referência para a cirurgia plástica. Nos anos 60 foi a boca de Brigitte Bardot, nos 70 os seios pequenos de Sônia Braga, nos 80 o nariz de Bo Derek, nos 90 o corpo ‘sarado’ de Madonna, no ano 2000 os seios de Gisele Bündchen (o sonho brasileiro de *Barbie* Perfeita) e os lábios de Angelina Jolie.

³ As noções de beleza e fealdade estão profundamente ligadas aos períodos históricos e sociedades a que estes mesmos conceitos se vinculam e, eu diria, junto com Alberto Caeiro (heterônimo de Fernando Pessoa) (1981, p. 152): “A beleza é o nome de qualquer coisa que não existe, que dou às coisas em troca do agrado que me dão”.

⁴ Palavra oriunda do universo funkeiro carioca; nomeiam mulheres de bumbum grande e empinado.

que se estabelece entre o travesti e as chamadas “*Barbies Olímpicas*” é muito interessante no que se refere à morfologia dos gêneros. Antes de essas mulheres incorporarem a estética dos travestis, era relativamente fácil identificar qual era um e qual era o outro, mas com a adoção dos mesmos métodos (artifícios) dos travestis pelas mulheres, ficou difícil. De qualquer forma, sabe-se que essas mulheres correm contra o tempo como os produtos com prazo de validade a vencer: sabem-se pré-datadas, carregam em si uma obsolescência planejada. O que podemos inferir é que, em uma sociedade de consumo aliada ao desenvolvimento tecnológico, tanto no que diz respeito às redes de informação quanto aos cuidados do corpo, a estética (uma ética) aparece como o motor de desenvolvimento da existência. A feiura, ou aquilo que foge aos padrões do que seja o belo, é sentida e vivida como um profundo drama e os feios rejeitam seus corpos fazendo com que a indústria da “beleza” prolifere. A preponderância da imagem, da superfície em nossa atualidade, propicia a opressão da perfeição física – saúde, magreza e juventude. Os meios de comunicação, em sua maioria imagéticos, somando-se aos espelhos/telas espalhados por toda parte, informam ao indivíduo de sua imagem objetiva, ao mesmo tempo lhes fornecendo a imagem desejada que deva ter aos olhos do outro.

Ironicamente, parece haver uma semelhança entre as “*Barbies Olímpicas*”, nos investimentos que estas fazem sobre seus corpos através da tecnociência, e a artista plástica francesa Orlan, quando buscam modificar o inato. Orlan, através de inúmeras cirurgias plásticas a que submete seu corpo, procura transformá-lo em espaço de debate, para pensar o lugar do corpo na sociedade contemporânea. Segundo ela, seu trabalho é um esforço contra o inato, o inexorável, a natureza. Interferir no corpo é, para esta artista, rebelar-se ao imposto à humanidade: envelhecimento e morte. Orlan denuncia a fragilidade e a decadência que, mais cedo ou mais tarde, se territorializa no corpo. Busquei esta semelhança para não ser maniqueísta: apesar das “*Barbies Olímpicas*” se forjarem outras, submetidas a um modelo aprisionador (ao contrário do que Orlan faz), elas também colocam em questão a imposição do natural, do inato e nos remetem de novo à questão da heterogênesse, da singularidade e do mercado, marcando que a linha que os separa é muito tênue – aqui ambas contestam o corpo dado, mas uma o faz por adesão a um modelo proposto pelo mercado global, e a outra, justamente para colocar, entre outras coisas, este modelo em questão. Orlan não é contra as cirurgias plásticas, mas contra os padrões de beleza e as ideologias aí embutidas que se grudam na carne de homens e mulheres.

Podemos pensar também que as “Barbies Olímpicas” sejam um retrocesso da condição feminina na atualidade. Coisificada, a mulher é reduzida a formas e trejeitos, e o corpo que foge ao modelo reinante é visto como portador de doenças e anomalias. A cultura da glamourização, como já vimos, move as lucrativas indústrias de publicações, cosméticos, esportes e academias de ginástica. A isca é a mulher que se vê resumida à aparência dócil e flexível, às solicitações da publicidade. O que resulta daí são relações conflituosas e violentas, pois ao mesmo tempo estas mulheres causam medo, atraem e causam repulsão aos homens (a quem querem encantar), são a um só tempo signos fálicos e de castração: tornadas falo, de modo a serem desejadas (um objeto-fetice) não podem denunciar a castração a fim de que o encantamento se perpetue – são para serem vistas, olhadas, desejadas, objetivadas. Gostaria de deixar claro que a *Barbie* Olímpica não resume o universo feminino brasileiro, é apenas um modelo “alienígena” bem aceito em camadas sociais emergentes, que buscam um padrão de identificação com aquilo que consideram os discursos de poder (*media*); mulheres para quem os investimentos no corpo são a passagem para uma mutação identitária, bem como de ascensão social, bem-sucedida quando elas também se transformam em produtos como os que vêm anunciados nos *media*.

Paralelamente à *Barbie* Olímpica, fêmea hiper-realizada, surge um modelo de ‘homem’ que parece ser (também hiper-realizado) sua contrapartida. Nomeio-os, como alguns já o fazem, *Pitboys* (fenômeno bem carioca). O *Pitboy* é uma mistura do temperamento de um *pitbull* (cão extremamente violento) com a procura de um dimensionamento físico que busque visibilidade; estes rapazes são também praticantes de “artes” marciais. Os *Pitboys* colocam em evidência uma tendência que se vem observando já há cerca de algumas décadas: uma cultura masculina da modificação corporal, em que a busca da saúde não é o que move; pelo contrário, a obsessão com a aparência vira uma doença, chamada dismorfia muscular (exercícios compulsivos e uma convicção de que se é fraco e pequeno, mesmo quando se está inchado de tanto músculo) (POPE; PHILLIPS; OLIVARDIA, 2000) – versão masculina da bulimia ou anorexia, distúrbios alimentares que acometem mulheres que buscam se adequar aos padrões de beleza imperantes. Esta busca pelo corpo perfeito é encorajada pelos *media*, como venho repetindo.

Marque-se que o corpo também passa a ser encarregado de marcar as diferenças entre os gêneros, quando mulheres e homens deixam de se distinguir por funções sociais específicas (legado da crise moderna das identidades). O masculino e o feminino se determinam hoje pela aparência e não pela ocupação, e como define o psicanalista Contardo

Calligares (2001), “[...] o peso metafórico da virilidade se encarnou num corpo ideal forte e poderoso”. Interessante dizer que isso acontece num momento em que emerge uma crescente pluralização (desde os anos 60) do campo das masculinidades possíveis. O pesquisador Marko Monteiro (2010, documento eletrônico não paginado), em estudo de revistas dos anos 60 e 70 e sobre revistas masculinas atuais, aponta para o fato de que “[...] certas rupturas no discurso sobre relações de gênero criam hoje um contexto de referências plurais de masculinidades [...] proliferam contemporaneamente os mais diversos estilos de vida associados de alguma forma do ‘ser homem’”. Deixa de existir um referencial único de ser homem (patriarcal). Observamos uma multiplicação de “estilos de masculinidade”, que se agregam de diferentes modos ao mercado de consumo. De acordo com Marko Monteiro (2010, documento eletrônico não paginado), “Os modelos tradicionais de masculinidade, no qual o homem deve ser o ‘machão dominador’ e que estabelece uma relação desigual entre homens e mulheres parece estar perdendo fôlego frente a este contexto mais plural”.

Parece que essas possibilidades, esses cambismos assustam o chamado *Pitboy*, perdido entre as identificações possíveis. Este ser urbano que vive as altas velocidades tecnológicas agarra-se a uma virilidade mais tradicional (de baixa velocidade social), vive em permanente tensão, angustiado com a incerteza acerca de sua orientação sexual, de sua virilidade e de sua incapacidade de conviver com a pluralidade. Daí o seu comportamento agressivo e sua visibilidade muscular – estou sendo superficial na análise das questões do gênero masculino que tem no corpo sua visibilidade. O medo da indiferenciação sexual gera a violência que muitas vezes este tipo dirige às mulheres. Como lembra Michelle Perrot (2009, documento eletrônico não paginado), “Podemos dizer que o poder masculino existe apenas através do que ele domina, portanto de forma majoritária, as mulheres” que podem ser objeto de violência no cotidiano. Exemplo: Daniela, 20 anos, estudante de jornalismo: “Eu não vou para certas boates para fugir das confusões. Já vi muitas mulheres apanhando”. Ela acha que o grande problema desse tipo de homem é que eles não se conformam com o fato de não serem aceitos por uma mulher: “Se você diz que não quer ficar com o cara, pode apanhar. Eles devem se sentir rejeitados, e não sabem como lidar com isso”⁵. Quando se fala em *Pitboy*, a lei que vigora é a do mais forte. *Pitboy* passa a ser um estilo de vida: investem nos músculos, anabolizantes, ‘compram’ um *pitbull* e saem pelas ruas como a dizer: sou macho!

⁵ Disponível em: <http://www.mood.com.br/arquivo/violência.htm>. Acesso em: 28 fev. 2005.

O exemplo dos *Pitboys* demonstra que muitas vezes a alta velocidade tecnológica caminha junto com uma baixa velocidade social. As indefinições identitárias no lugar de se transformarem num jogo lúdico, se transformam num grande problema para este tipo de homem (como sabemos, as identidades sexuais não são naturais e determinadas de uma única vez, são elaboradas pela cultura e pela História). Inseguro de sua identidade, agarra-se ao modelo no qual o homem deve ser o “machão dominador”; através de um corpo construído (*bodybuilding*) como diferença explícita. Um corpo cuja forma original foi alterada pela repetição de movimentos não usuais no cotidiano, evidenciando músculos desnecessários no dia-a-dia. O *Pitboy* é uma vitrine, uma imagem, simulação de um homem (COURTINE, 1995) que possuía uma história e uma cultura que lhe davam peso (além do muscular) e realidade. História que esse ser busca refletir, visto ser oco, vazio, preocupado apenas com o aval do espelho, seu elo com o mundo ‘real’, que através da massa refletida parece lhe confirmar sua virilidade – gestor de seu corpo, pensa que nada pode lhe escapar ao controle, manifestando uma personalidade profundamente narcísica e frágil, necessitando ‘pesar’ no olhar do outro. O corpo então lhe serve de carapaça, protege-o do mundo real, coloca-o à distância, ao mesmo tempo em que busca esconder uma fragilidade psicológica negada pelo crescimento muscular. O músculo funciona também como o último reduto dos homens para mostrarem sua masculinidade, visto que, com a ascensão das mulheres no mundo, os papéis masculinos sofreram uma erosão, uma fragmentação, restando-lhes a diferença física e um comportamento truculento.

Entre a fêmea hiper-realizada e seu par, ambos modelos de um feminino e um masculino que se quer ultrapassado, mas que perduram nos meios de comunicação (eles reforçam a marginalização das mulheres na representação que fazem dela) e no cotidiano, se tem uma tecnologia em comum, ou seja, aquela que redesenha os corpos, que os torna mais belos e potentes. Apesar de toda virilidade que expõe, o *Pitboy* não descuida de seus músculos nem da regulagem “fina” de seu corpo. Ambos, na busca do corpo perfeito, tornam-se híbridos entre organismo e máquina, *cyborgs*.

Os *cyborgs* mais explícitos que “conhecemos” são oriundos da ficção científica, principalmente cinematográfica. O *Exterminador do Futuro* (James Cameron, 1991), popularizado por Arnold Schwarzenegger, é um exemplo: por sob a pele, quando esta sofria danos, podia-se ver a máquina. *Blade Runner* (Ridley Scott, 1982), com seus sofisticados andróides, mutantes geneticamente programados, é outro exemplo, embrião do universo

*Cyberpunk*⁶, protagonizado por “Max” em *Dark Angel* (James Cameron, 2000), heroína geneticamente modificada, identificada por um código de barras que traz atrás da nuca, como marca registrada que pode denunciá-la. É sintomático como a aparência *cyborg* (interior/exterior) vai se tornando cada vez mais invisível, quanto mais a técnica vai se tornando onipresente, numa simbiose crescente entre *physis* e *téchnè* – sociedade *cyborg* onde o tecnológico e o humano se constroem mutuamente. Impera em todos os exemplos supracitados a humanização do androide que, de certo modo, parecem querer esbater a “barra” (natureza/cultura), sinalizando o direito à diferença, à multiplicidade dos modos de ser, fora do cálculo binário que tem marcado a cultura ocidental. Neste sentido, *O Homem Bicentenário*, livro de Isaac Asimov, transformado em filme de mesmo nome com Robin Williams no papel principal e dirigido por Chris Columbus (1999), é paradigmático: o filme mostra a passagem de um androide a ser humano, cujo desejo final (como se fosse possível a um androide ter finalidade) é também morrer – não é o conhecimento da morte uma característica de nossa humanidade, senão a definidora?

Ao colocarmos o *cyborg* na ficção, obliteramos o fato de que no real, há muito, somos todos (potencialmente) *cyborgs*. Se o *cyborgs* é fruto do acasalamento do humano com a máquina, esta última se traduzindo hoje em novas tecnologias (nanotecnologias e engenharia genética) que permitem a manipulação do humano (erradicação de doenças, correção de males já instalados, busca da beleza, maior prazer erótico, colocação em questão do propriamente humano...). Então, hoje nos colocamos como possíveis *cyborgs*. O tempo mítico dos deuses presentifica-se entre nós e nos transforma em quimeras, híbridos entre organismo e máquina, fadados à a-mortalidade (possibilidade de retardar a morte), capazes de funcionarmos em qualquer ambiente, mesmo o espaço sideral. A atual condição de *cyborgs* é perceptível ao olharmos ao nosso redor: pessoas com marca-passos, aparelhos de surdez, pontes de safena, *stents*, próteses de todas as espécies; homem e tecnologia se fundem na ultrapassagem dos limites do corpo.

Acontece que, num sentido mais lato, as “Barbies Olímpicas” e o Pitboys são frutos de tecnologia *cyborg*: o *bodybuilding* é uma mania mundial, o número de academias cresce dia-a-dia (os mais abastados possuem as suas nas próprias casas), de modo a dar vazão a essa cultura do corpo. Um corpo construído, sarado, é um corpo artificial, cujas dimensões e forma original foram modificadas de modo a ressaltar o desejado. Ele não é fruto de um

⁶ De acordo com André Lemos (1993), a origem do termo “cyberpunk” vem da ficção científica. “Neuromancer” de William Gibson (1984) foi a obra que deu origem ao movimento. A cultura ‘cyberpunk’ é, antes de mais nada, a expressão de um comportamento irreverente em relação às novas tecnologias.

movimento livre, indisciplinado, fruto do acaso, mas nasce de repetitivos movimentos mecânicos (sem uso prático no dia-a-dia a não ser o da visibilidade), objetivando uma forma final. Do mesmo modo a cirurgia plástica com seus *liftings*, silicones e lipoaspirações trabalham para uma forma *cyborg* – jaquetas dentárias, implantes de cabelos, cremes oriundos da cosmética fazem parte da formatação dos híbridos humanos/máquinas. Sem nos esquecermos dos avanços no campo da engenharia genética, que em pouco tempo fará parte deste rol de autoconstrução. Ao descobrir o poder que possui sobre o corpo de mudá-lo, adaptá-lo às identificações em curso, o indivíduo não se conforma mais com suas imperfeições ou limitações.

3 Cyborgs

Resumindo, percebemos que o uso da tecnologia *cyborg* sugerido pelos Pitboys e “Barbies Olímpicas” é alienante, completamente avesso a uma cultura onde a tecnologia seja usada de modo criativo e libertário, como por exemplo, nos sugere a cultura *cyberpunk*. Barbies e Pitboys estão presos em um mundo binário, fiéis ao capitalismo racista onde impera um modelo masculino de mundo (falocêntrico). Surge-nos como contraponto a posição de Danna Haraway (1994). Esta autora introduz a questão do *cyborg* nos estudos culturais com o texto *Manifesto para os cyborgs*. O mito do *cyborg*, como proposto por Haraway, poderia nos libertar das hierarquias sociais, do racismo, do sexismo e de todas as dicotomias reinantes na civilização ocidental, de que as Barbies e Pitboys são exemplos.

Considero importante mapear brevemente o texto de Haraway (1994). Vamos a ele: Haraway define o *cyborg* como um organismo cibernético, híbrido de homem e máquina, orgânico e inorgânico; surge em um universo de fronteiras rompidas; tessitura de natural e artificial, desconhecendo oposições binárias, bem como a diferenciação dos sexos, é uma criatura pós-gênero. Não é macho nem fêmea, gênero intermediário, auto reprodutor. É heterogêneo e múltiplo, não aspira a totalidade, aberto a toda mistura; inteiramente conectável. Torna imprecisa a distinção identidade/alteridade. Sua neutralidade pode, segundo Haraway, mudar o mundo: um mundo sem sexualidade dominante, sem classes sociais, sem política (política de dominação hierárquica e desejos de posses), ou seja, uma política que fuja da anestesia do controle. Entretanto, é bom que se lembre de que o *cyborg* é “gerado” por uma sociedade tecnocrática paternalista e militar. Estas tecnologias *cyborg* podem ser, segundo Haraway, restauradoras, normalizadoras, reconfiguradoras (construção de criaturas pós-humanas semelhantes aos humanos, mas diferentes deles) e melhoradas

relativamente aos seres humanos. Entretanto, como bem salienta Haraway, a prole “ilegítima” é com muita frequência infiel às suas origens.

O *cyborg*, para Haraway, não busca uma origem ou finalidade: surge no cruzamento de mundos outrora separados, ou seja, num entrecruzamento de limites entre o homem e o animal, entre o homem e a máquina e entre a natureza e a técnica (limites estes que apontam a artificialidade dos limites entre os gêneros). Ao ter lugar no cruzamento destes mundos, antes separados, cruzamento propiciado pelos progressos da ciência e das técnicas, o *cyborg* se coloca como fruto da sequencialidade das atividades tecnocientíficas, daí não reivindicar uma origem e por consequência um fim (*telos*). “O *cyborg* não sonha com a comunidade a partir do modelo da família orgânica [...] não reconheceria o paraíso, não é feita de barro e não pode sonhar com a volta ao pó.” (HARAWAY, 1994, p. 246). Repetindo, os abalos das fronteiras antes estabelecidas tornaram possível o *cyborg*, como um mito, uma ficção (uma narrativa), que nos permite pensar a sociedade tecnológica contemporânea. Então, ser neutro, acima da diferenciação hierárquica, bem como do recurso à origem, cujo fim é a ditadura do macho capitalista. O *cyborg* não possui política de dominação, apenas estratégias, melhor dizendo, desvio das categorias e subversão dos valores. Torna-se, portanto, ameaça à sociedade que o produziu bem como a todos os seus valores, liberto que está do mito falocêntrico da origem que fundou no ocidente a divisão dos gêneros. Surge daí seu potencial libertador, visto que, ao escapar do mito falocêntrico, ele escapa da estrutura do mundo ocidental, da opressão da história e da opressão do homem, podendo, portanto, ser libertador para as mulheres. Mais uma vez deve-se lembrar, como assinala Sfez (1996) em sua crítica ao texto de Haraway (1994), que a dependência do *cyborg* em relação à inteligência tecnológica, C(3)I – “comando – controle – comunicação – informação”, faz dele a presa perfeita para a ideologia da comunicação, que exige comando e controle. Aí está a informática da dominação, a que governa o mundo contemporâneo. É aí, de acordo com Sfez, que dói o calo do *cyborg*: “Convém alertar os candidatos ao *cyborgismo*: mantenhamos a comunicação inteligente, mas recusemos o controle e o comando. Sejamos então somente CI, e não C(3)I.” (SFEZ, 1996, p. 287).

Finalizando o mapeamento do texto de Haraway, gostaria de ressaltar um dos abalos de fronteira em que surge o *cyborg*: a fronteira entre o físico e o não físico que diz diretamente respeito à virtualização do mundo. O mundo se desmaterializa em *bits*, tornando cada vez maior a indiferenciação entre o visível e o invisível. O *cyborg* nasce de um mundo transformado em números, dígitos. Mundo regido pela conexão, pelas redes digitais

e pela realidade virtual, que torna todos nós híbridos potenciais na possibilidade de conexões com todo o tipo de artefatos. Imersos na cibercultura, os dualismos perdem toda a potência e não se sabe mais o que é homem, o que é máquina. O corpo biológico social sofre uma transubstanciação e transforma-se em sistemas “[...] bióticos híbridos, dirigidos pela comunicação e pela troca de informações.” (LEMOS, 2002). Desenha-se uma simbiose homem-máquina, tornando-se cada vez mais difícil distinguir a prótese no humano e o que é carne na máquina. Devir *cyborg* nos soa como destino. Esta presença da tecnologia no contemporâneo nos indica que a vida está sendo reinventada e uma “nova” natureza nos é determinada. E o nosso modo de ser, tal qual o do *cyborg* na ficção, se dará através da interação com as tecnologias.

4 Considerações Finais

Discutir qualquer questão no contemporâneo, para não ser reducionista, torna-se complexo. A reflexibilidade (GIDDENS, 1991), característica de sociedades hiper-conectadas, faz com que fatores antes esquecidos passem a ser decisivos para a compreensão de questões e suas relações com o entorno. Digo isto para justificar o percurso feito até o momento na reflexão do estatuto do corpo na conformação de novas identidades (identificações) nesta atualidade tecnológica, atravessada por redes de informações com ação direta sobre nossa “configuração” (subjetividade) psíquica e corporal.

Como posto no resumo deste artigo, buscou-se refletir acerca de questões que se colocam ao indivíduo contemporâneo, que tem nas performances corporais uma das formas de produzir identidade. Diferentemente dos modernos, corpo e sujeito hoje estão sujeitos a inúmeras identificações ao longo da vida, proporcionadas majoritariamente pelos *media*. Através de modelos ofertados por esses meios, o Brasil sofre uma “mestiçagem”: o corpo, através de uma aliança com a tecnociência, no fluxo das modas disseminadas via *media*, se mistura aos aparatos tecnológicos, às próteses. A mulher anunciada pelos *media* não cabe na *morenidade*, ela é a *Barbie*. Surge como contrapartida a esse modelo de mulher, um modelo de homem, o *Pitboy*. Ambos, na busca do corpo perfeito, tornam-se híbridos entre organismo e máquina, *cyborgs*. O *cyborg*, através de Haraway (1994), apresenta-se como uma possibilidade de libertação e afrouxamento dos imperativos do mercado e nos recorda de que a linha que separa a heterogênese e o mercado é muito tênue e frágil.

Referências

- CALLIGARES, Contardo. Músculos impossíveis e invejáveis, **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 fev. 2001. Ilustrada, p. 8.
- COURTINE, J. J. Os Stakhanovistas o narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana. In: SANT’ANNA, Denise (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Editora Liberdade, 1995. p. 39-48.
- GUIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HARAWAY, Danna. Manifesto para os cyborgs. In: BUARQUE DE HOLLANDA, H. (Org.). **Tendências e impasses: o feminino como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Editora. Rocco, 1994. p. 243-288.
- LEMONS, A. Cultura cyberpunk. **Textos de cultura e comunicação**, Salvador, n. 29, p. 25-39, 1993.
- LEMONS, A. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MONTEIRO, M. **Revistas masculinas e pluralização da masculinidade nos anos 60 e 90**. 2010. Disponível em: <http://www.europrofem.org/contri/2_05_es/es-masc/37es_mas.htm>. Acesso em: 12 nov. 2012.
- PERROT, M. **[Michelle Perrot]**. 2009. Disponível em: <<http://lutaaquariana.blogspot.com.br/2009/04/michelle-perrot.html>>. Acesso em: 15 nov. 2012.
- POPE, H.; PHILLIPS, R.; OLIVARDIA. **O Complexo de Adonis: a obsessão masculina pelo corpo**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000.
- SANTOS, J. F. **O que é o pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- SFEZ, L. **Saúde perfeita**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- THOMPSON, J. **Mídia e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- VILLAÇA, N. **Em pauta: corpo, globalização e novas tecnologias**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

Between heterogenesis and the market: Olympic *Barbies*, *Pitboys* and *Cyborgs*

Abstract

The article is a reflection about questions corresponding to the modern being, who with the body performances has a way to produce their own identity. It starts from the definition of the body as mutant; mutations proposed by techno science. Differently from moderns bodies, today they are subjected to many identifications through life, proportioned, majority, by the media. Brazil suffers a "miscegenation": the body, among techno science, on the fashion's flow disseminated via media, mixed with technological equipment, to prosthesis. The announced woman by the media does not fit into the concept of *morenidade*, she is Barbie. Then rises as counterpart to this female model, a male model, called Pitboy. Both of them looking for the perfect body, they turn into hybrids between organism and machine, or cyborgs. Different authors participate on the board to be exposed.

Keywords

Body. Media. Technology. Cyborg.

Entre el mercado y heterogénesis: “*Barbies* Olímpicas” *Pitboys* y *Cyborgs*

Resumen

En este artículo se reflexiona sobre temas de actualidad relacionados con la persona que posee los rendimientos del cuerpo de las maneras de producir identidad. Se inicia con la definición del cuerpo como el mutante; mutaciones proporcionadas por la tecnociencia. La diferencia del sujeto moderno y cuerpo hoy son objeto de numerosas identificaciones de toda la vida, siempre y sobre todo por los medios de comunicación. Brasil está sufriendo un "mestizaje": el cuerpo, a través de una alianza con la tecnociencia, la corriente de las modas difundidas a través de medios de comunicación, se mezcla con los dispositivos tecnológicos, a las prótesis. La mujer anunciada por los medios de comunicación no *morenidade* encaja, ella es la *Barbie*. Surge como una contrapartida de este modelo de mujer, un hombre modelo, *Pitboy*. Ambos, en busca del cuerpo perfecto convertirse en híbridos de máquina y organismo, *cyborgs*. Diferentes autores muestran en la construcción de la trama a estar expuesto.

Palabras clave

Cuerpo. Media. Tecnología. Cyborg.

Recebido em 30/04/2013

Aceito em 23/03/2014

Copyright (c) 2014 Autor (es) / Copyright (c) 2014 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the authors, and the right of first publication is conceded to the journal. Due to the journal being of open access, the articles are of free use in research, educational and non-commercial activities.

